

lados pelos descobrimentos e nas exigências vitais do domínio da natureza”, como diz Joaquim de Carvalho, porque deixou à posteridade a sua própria cana de pesca com que ela tem passado o melhor de seu tempo a domesticar os factos, tem um valor maior que o de nosso Vasco da Gama ou Pedro Alvares Cabral, que o de internacional Cristóvão Colombo (internacional porque ninguém sabe, ao certo, qual a sua nacionalidade e várias são as nações que a disputam). O continente europeu podia passar e viver sem as Índias descobertas, o Novo Mundo americano também revelado, mas dificilmente poderia passar sem o uso o exercício da Razão. Galileu é o Cristóvão Colombo da inteligência aplicada com método. As suas originais caravelas não foram parar a nenhuma praia deste mundo, mas a um outro continente, a Ciência, que toma a este mundo como morada vital das suas cogitações e experiências. Existe apenas uma diferença entre Galileu e Vasco da Gama, Alvares Cabral ou Colombo. Estes descobriram duma vez para sempre as gloriosas terras distantes da Europa e perdidas em incertas brumas. Galileu começou uma descoberta que não tem cessado, vai aumentando ano para ano, como se os domínios da Ciência não tivessem limites e fôsem o maior continente do globo. A Ciência cresce, os continentes, esses até minguam segundo algumas versões.

A velha contenda entre materialismo e idealismo, entre matéria e espírito, renasce das cinzas amortecidas do passado logo após o Renascimento. A figura zenital de Galileu, aos olhos da nossa modernidade, como que divide ainda mais os contendores de sempre. Galileu é um homem e um método que se dirige para compreender e domesticar a natureza (ou ordem natural). Só se preocupou, no seu método, com o “como” os factos naturais ocorriam. Não se interessou pelo “porquê” e pelo “para quê”. Galileu representa o domínio da natureza pela sua compreensão racional. Um domínio que serve também as exigências vitais da subsistência e perduração da espécie humana.

V

Após Galileu a ordem natural começa a revelar ao homem os seus segredos. A son da, o próprio método iniciado e deixado por Galileu á Humanidade O velho materialismo sorri. Ganha forças. A herança de Galileu nutre e fundamenta o materialismo cada vez mais risonho porque a ordem natural também cada vez mais se lhe descobre. O continente da Ciência vai revelando, sem cessar, novos territórios. Parece não ter fim e ser ilimitado. Um El-Dorado.

Os mistérios vão afinal transformar-se em equações matemáticas, em logaríthmos, em fórmulas químicas, em principios físicos. Ao comêço a matéria, depois o espírito (raiz conceitual de todo o materialismo) rejubila com a herança de Galileu. Um permanente festim. A Humanidade antes de Galileu não passara dum jovem muito infantil. Uma criança fixando-se em superstições. Depois de Galileu, começa a maturidade. Vai sabendo a razão de ser das coisas, finda para sempre a superstição.

Assim, não admira que uma figura clássica como Galileu seja personagem histórico tão controvertido. E'que não está só a “história de seu tempo” em litígio está, sobretudo, o que ela deixou para a posteridade, o que dela se frutificou, o que dela irrompeu de modo ciclópeo e caracteriza definitivamente nosso tempo moderno. E, Galileu, como clássico, como qualquer clássico, já não pode ser estimado apenas com as coordenadas de seu tempo (o que decorre de 1564-1642), antes é valorizado sob a perspectiva de nosso tempo (o que larga de 1642 para cá) em veloz correria atrás do continente da Ciência. Deformação do juizo? Supervalorização?

O materialismo toma a Galileu como o seu símbolo máximo, o fundador duma nova era e cuja filosofia centra nestes tres pontos: 1) a nova era é uma concepção do mundo e do conhecimento das “classes sociais mais avançadas” em luta pelo progresso da sociedade; 2) está caracterizada por um vínculo profundo e um desenvolvimento paralelo ou sincronizado com a evolução e as aquisições do “conhecimento científico”; 3) considera que o ser, a natureza, a matéria é o dado primário diante do pensar, do espírito, da ideia (o dado secundário). Este materialismo, se não é agnóstico ou ceptico, é decididamente ateu.

Tal materialismo há-de querer, á força, alterar a correcta significação dos factos vitais concernentes á existência temporal de Galileu. Necessariamente, tem de valorar a Galileu como um “mártir da Igreja”, porque a Igreja representa o sobrenatural em luta contra a ordem natural e seu primeiro descobridor científico. A Igreja é a negação da Ciência. A Igreja representa a idade juvenil da Humanidade. A religião, um equívoco pronto a desfazer-se pela actividade racional e científica do Universo e sua interpretação. O método de Galileu não só denuncia como liquida os equívocos, as superstições, as “infantilidades”.

Simplesmente, sé desprezando a verdade é que os factos históricos respeitantes a Galileu podem ser “manipulados” neste sentido dum materialismo que também tem de criar os seus “mártires” para ele próprio, o materialismo, ser uma “nova Religião” (aquilo a que um extraordinário Ernesto Sábato chama a “superstição de que não se deve ser supersticioso”).

Mais, ainda sob o ponto de vista do materialismo, o idealismo, seu adversario, possui estas tres ignóbeis características: 1) é o concepção do mundo e do conhecimento das "classes retrógradas", interesadas em manter o 'status' social de exploração e dominio duma classe sobre as outras; 2) possui um vínculo e corre paralelo com a "religião", opendo-se ao desenvolvimento da ciência ou das ciências; 3) considera o pensar, o espírito, a ideia, a consciência como o dado primário diante do ser, a natureza, a matéria, a objectividade (o espírito é o fundamento e a causa da matéria).

Mais, o materialismo julga o Renascimento como uma crise em que se puzeram á evidência as diferenças e ao mesmo tempo as falsidades das diversas concepções filosóficas e teológicas e religiosas da existência. O cristianismo representa a religião, o idealismo, o passado e o atrazo. Ele, materialismo, representa a ciência, o futuro e o progresso. A única luta verdadeira é a existente entre ciência e religião. O materialismo crê que a ciência triunfará definitivamente sobre a religião, sobre essa errónea e infantil concepção de que "Deus criou o mundo e que o mundo é criatura de Deus".

Galileu, pai da Ciência, viu-se a braços com um julgamento da Igreja. Ainda bem, pensam os materialistas! Aí está a prova concretíssima, a prova documental e histórica, de que a luta entre Ciência e Religião começou de facto com Galileu e o pobre homem é um "mártir" da Ciência! Os materialistas exaltados só lamentam que Galileu não tenha sido assado numa fogueira como Giordano Bruno! Que piedade retrospectiva! Que caridade para o pretérito! Essa carne em torresmos seria agora o manjar mais delicioso da propaganda materialista. Mas se não foi assada, ao menos foi ameaçada e só a velhice salvou a Galileu de não ter igual fim ao de G. Bruno! Que as intenções oficiais da Igreja eram bem claras, mais do que evidentes!

O mundo da Ciência é tão amoral que na sua pobreza franciscana de valores éticos jamais produziu algum "mártir". Pena, pois se existissem Augusto Comte teria colocado esses "mártires" nos altares da sua Igreja Positivista. Mas não os encontrou...

Mártires da Ciência? Sim, existem, mas são duma frivolidade insalvável: os cientistas que morrem de algum choque eléctrico; os físicos que caem de algum andaime; os radiologistas victimas do "raio X"; os químicos desintegrados por alguma explosão; os biólogos atacados por algum contágio virulento, etc., etc. Mas esse martírio não chega para comover as massas, agitar seus pensamentos confusos. São irremediavelmente banais.

Onde o materialismo viu a possibilidade de um "mártir", Galileu Galilei, aí com unhas e dentes, numa esforçada dialéctica, suando por todos os poros, se mantém e esgrime o seu "mártir" com a plenitude de um sentido inequívoco:

a Igreja, a religião oficial, foi contra Galileu, a Ciência, porque não poderia ser de outra forma. Como se trata a um inimigo? Com homenagens? Com presentes? Galileu foi tratado como real inimigo. Foi humilhado como convinha. Não aquele homem polémico e inteligente, chamado Galileu Galilei, mas toda a espécie de cientistas, melhor, a Ciência incarnada em Galileu. A Igreja como rival da Ciência, a fé contra a razão, começou como inevitavelmente tinha de começar: por aprisionar um homem, julgá-lo e condená-lo. Um homem símbolo dum novo estilo.

Mas o materialismo só tem de contentar-se com todos os outros "mártires": os que morrem dum choque eléctrico, duma irradiação, dum contágio, duma experiência trágica. Nunca teve nem têm mártires. Tem apenas victimas, sem a auréola do martírio. O materialismo é profano e os seus "mártires" são profanos. Augusto Comte não encontrou mártires para sua Igreja Positivista. Uma Igreja de altares vazios. Ou, então, ao lado, com uma "sala de reanimação" para os "mártires" que não passam de victimas...

O materialismo viu a possibilidade de um "mártir", mas a lógica e os factos negam-lhe esse martírio. A história não serve suas intenções bem claras. A história não foi sequer ambígua.

O grande pensador espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955) tem um livro sobre Galileu, melhor, sobre o que de Galileu se desprende para o nosso mundo. Intitula-se "En torno a Galileo" (1933). Não é um estudo sobre a figura histórica de Galileu, seus inventos ou reinventos, seu método científico, os demais personagens da sua circunstancia. É antes um ensaio que pretende demonstrar a tese da filosofia orteguiana, a do racio-vitalismo (a vida nem é só vitalismo ou só racionalismo). O miolo de seu livro está neste pensamento: "la ciencia es en efecto, interpretación de los hechos; por sí mismos no nos dan la realidad, al contrario, la ocultan, esto es, nos plantean el problema de la realidad". Em suma, a vida moderna não pode contentar-se com a Ciência. O valor de Ortega y Gasset é tal que um seu discípulo, o pensador Xavier Zubiri, escreveu: "muchos españoles, de no haber sido Ortega quien fue, hubieran sido otros". José Ortega y Gasset esteve tão preocupado com esta vida, que o problema de Deus e o da Morte não são de algum modo o problema central de sua obra perene. Entre Deus e o homem, preferiu o homem. Eis umas palavras de Ortega y Gasset: "Esta es la diferencia entre Dios y nosotros; Él está dentro de sí, flota en sí mismo, lo que le rodea no es diferente de lo que es. Esto no es vida, es beatitud, felicidad". E Ortega foi um turbulento filósofo existencial, muito preocupado com a trepidação da vida e a sua total falta de beatitude (o homem, minuto a minuto, como num assalto, tem de fazer a sua vida, decidir, escolher...). Esta vida, a vida de cada ho-

mem, não é beatitude e não é felicidade. E'luta pela decisão de viver e dar um sentido a sua vida...

Um filósofo como Ortega y Gasset nunca foi muito bem visto pela Igreja, em Espanha. Pouco se preocupa do divino. "En suma, Ortega reduce la entidad problemática que es la divinidad a sujeto examinable y sale con unas cuantas conclusiones que, su formación racionalista y su propia intuición, lo empujan a declarar abiológica, torrencialmente vitalizadora, nombrable, beatífica, todo lo cual apenas se puede apreciar en contradicción con los dogmas católicos sobre la divinidad, si se examina inteligentemente la cuestión", julga a Ortega o prof. Tomás Oguiza (da State University de Portland, Oregon, USA) num muito recente estudo.

Pois este filósofo hispânico que descuidou o divino e nunca debreu a espinha aos poderes clericais de sua Espanha tão vaticanista, tinha uma boa oportunidade para explorar o julgamento de Galileu e não o fez...

VI

José Ortega y Gasset é um filósofo originalíssimo e dentro da grande divisão entre o materialismo e o idealismo, Ortega, a maior figura da filosofia peninsular, pensa que a vida não é um corpo nem uma alma, não é nem uma coisa como a matéria (materialismo), nem é uma coisa como o espírito (idealismo). A filosofia de Ortega antecipa a de Jean Paul Sartre pois a liberdade não é algo que temos, mas algo que somos, isto é, estamos "obrigados" a ser livres. Esta obrigação-o ter de decidir a cada momento os actos de nossa vida ou existência-é que lhe vai dar a essência. A vida "vai-se fazendo", não surge feita...

Por aqui já se nota quão distante está Ortega y Gasset da filosofia escolástica, a da essência prévia à existência. Por aqui já se pode observar a forma hostil ou indiferente com que o catolicismo aborda a filosofia orteguiana.

O não ser francamente idealista, o estar ainda ligada à matéria, eis a restrição com que o catolicismo espanhol acolhe a Ortega e o vigia, não o aplaudindo abertamente.

Ortega, tão amante da liberdade e tão independente dos pontos de vista da religião católica, ao tratar a Galileu poderia explorar o seu julgamento como tantos "liberais" o tem feito: tratando-o como da oposição Religião-Ciência, razão e fé, metafísica e física, com a evidência de que se levou Galileu ao banco dos réus para a Igreja, entidade abstracta, marcar a sua posição oficial

o, ao condenar o cientifismo da tese copernicana apadrinhada por Galileu, condenar também a profana Ciência incipiente...

Mas Ortega, com a honestidade de toda a sua cultura e pessoa, não classifica o "julgamento" de Galileu como um verdadeiro julgamento e chama-lhe muito simplesmente uma "intrigalhada". Reduz esse "julgamento" (na expressão dos materialistas de vária índole, "o maior escândalo da cristindade") não a um escândalo que roa a dignidade da Igreja, a uma questão que afecta a sua magestade espiritual, mas a uma vulgaríssima "intriga". São estas as próprias palavras de Ortega y Gasset e que abrem precisamente o seu ensaio "En torno a Galileu" (1933) e que foram lições suas na Universidad Central de Madrid: "En junio de 1633, Galileo Galilei, de setenta años, fue obligado a arrodillarse delante del Tribunal Inquisitorial, en Roma, y a abjurar de la teoría copernicana, concepción que hizo posible la física moderna. Se van a cumplir, pues, los trescientos años de aquella deplorable escena originada, a decir verdad, más que en reservas dogmáticas de la Iglesia, en menudas intrigas de grupos particulares".

Também, com Ortega, deploro o julgamento. Galileu estava com setenta anos, era um velho e o reumatismo, a artrite e a hérnia avançavam como a hera entre ruínas. Cinco anos depois do seu julgamento, Galileu cegou. Vive cego e sempre doente apenas quatro anos. Quem não sente piedade por um velho cheio de achaques?

Mas também deploro que se subverta o sentido real desse julgamento. "A decir la verdad", a dizer a verdade exacta e livre, esse julgamento não passou do 'una conspiração de 'miúdas intrigas de grupos particulares...' são as intrigas que conduzirão Galileu á abjuração espectacular...

Agora pergunto, o que é uma intriga? As "vizinhas" sabem bem o que é... A intriga é o enredo oculto, o mexerico. A intriga é uma embrulhada cujo manejo cauteloso, cuja acção se executa com astúcia e ocultamente, para se conseguir um fim. A intriga pertence ao reino da inveja. Não interessam ideias, filiações, raças, amizades. Tudo sucumbe perante a veracidade da inveja intrigante (das "vizinhas", nos prédios de qualquer cidade do mundo; dos "grupos particulares", no caso de Galileu, as rivalidades entre jesuitas e domenicanos, o despeito mesquinho de uns contra outros...).

Mas um mexerico não tem dignidade nenhuma. Uma intriga, um mexerico, banaliza desde logo o assunto mais transcendente, pulveriza-lhe a seriedade... Na perspectiva do que aconteceu a Galileu, não interessa "atacar" a Galileu por suas ideias. Galileu é um mero pretexto para se atacar o que está mais longe, os rivais padros jesuitas também paladinos das mesmas ideias heliocéntricas... E um cisma, direi agora, deixa-nos sempre cismáticos... Uma

intriga obriga-nos a maior ponderação. E um mexerico logo desaparece... Senão, vejamos.

Galileu é "julgado" em julho de 1633. Morre em 1642. Se se afirma que este julgamento equivale a uma actitude oficial da Igreja, não tendo em nada metido o seu nariz o trivial mexerico, então, porque a Igreja em 16-IV-1757, pelo seu Papa Benito XIV, declara nulo o decreto de 1616 proibindo os livros partidário de Copérnico? E, então, porque em 16-VII-1820 o científico Jacobo Settele consegue da Inquisição para publicar um livro de concepção copernicana? Como se explica tanta liberalidade? A ciência entrara finalmente no Vaticano? E'que tudo não passara de uma intriga, ao nível pessoal, e assim era fácil á Igreja posterior tomar actitudes mais livres. Por causa do problema cosmológico, levantado por Copérnico, nunca estivera a Igreja sériamente ameaçada.

Para o estudo da "era de Galileu" tem sumo valor saber a verdade deste episódio inicial. Deixar resíduos de incerteza, é deixar na posse dos materialistas (os que vêem na Ciência o triunfo absoluto sobre o transcendente) uma poderosa arma. Logo dirão, com júbilo: houve "martírio", a Ciência foi julgada, a religião é um empecilho ao progresso humano!

Mas o episódio de Galileu é o que foi: uma intriga sem nível superior, não estando em causa vitais dogmas da Igreja que o julgou. E nunca Galileu pode ser "utilizado" pelos materialistas porque se nele nasceu a Ciência, não nasceu em chão profano, em grosseiro chão materialista. Nasceu a par com o sentimento religioso. Galileu era um homem que sentia o transcendente.

Esta dupla verdade histórica —um Galileu religioso e um Galileu que não foi "mártir" da Igreja— tem de irritar profundamente a espiritos sem espiritualidade, os materialistas do nosso tempo, es tais que "tem a superstição de não terem superstições". Sabem que Galileu é o fundador dos tempos modernos, pelo impulso gigantesco que deu à conquista do natural e ao seu instrumento, a Ciência. Mas não toleram que a fundação parta de um homem tão espiritual. Há que pintar os factos como melhor convêm, há que mascarar a Galileu como urge. Este estudo em torno da "era de Galileu" tem uma finalidade: pretende demonstrar que a Ciência nasceu em terreno religioso, sé "ideologicamente" a dissociam do transcendente, e, finalmente, que Ciência e Religião, razão o fé, são categorias passíveis de harmonia e de habitarem juntas no espirito e no coração de um homem. Um homem que represente... a Humanidade!

Não há nada mais ofensivo para o mterialismo do que afirmar que a Ciência... sé veio reforçar a Fé! Nada mais irrita o materialismo do que afirmar que Razão e Fé podem viver juntas em cada pessoa, na sociedade!

O meu estudo irá girar em torno des maiores vultos do pensamento e da arte, aparecidos já dentro da "era de Galileu". Tempos de crise. Tempos de luta nas ideias. Tempos também duma possível esperança na harmonia entre os contendores.

Antes de penetrar na imensa "selva" destes conhecimentos e de os sistematizar convêm frizar que o cientista Galileu foi um homem de profundo sentimento religioso. O próprio Leonardo da Vinci, tão experimentalista, mas tão paradoxal como a própria vida (o paradoxo é a fertilidade de não se ser unilateral!), num lado diz: "a natureza não viola jamais as suas leis!", mas no outro escreve: "Voglio far miracoli!" (Quero fazer milagres!). Galileu foi mais calmo, mas como homem religioso, sabia que as suas leis descobertas não colidiam como o milagre... desde logo, o milagre da própria Razão! Galileu tinha um conhecimento maior do que o dum cientista: ele sabia que também existe um saber que não precisa da descoberta para fazer valer sua presença. Oh quantas coisas se sabem som as descobirmos!, quantas vezes terá dito e pensado Galileu diante do Universo que sua luneta ampliara?!

Sempre gostei de evidenciar os valores da América Latina. As grandes figuras do nosso tempo nasceram ou estão na América Latina. O Doutor Edoardo Crema é italiano, mas pela longa presença na Venezuela é hoje mais um venezuelano. Este humanista é mestre da Faculdade de Humanidades e Educação da Universidade Central de Venezuela. Gerações e gerações de universitários venezuelanos têm passado por suas aulas. Homem de livros valiosos. A Venezuela, grata por sua presença tão rica, conferiu-lhe há anos o grau de Doutor *honoris causa* pela Universidade mencionada. Ora é precisamente no estudo "Galileu, naturalista científico, entre naturalistas filósofos", em que o prof. Edoardo Crema demonstra a religiosidade de Galileu. Galileu conhecia os "limites" da sua Ciência (coisa que já na "era de Galileu" foi desaparecendo, criando em torno dela a obscura e irracional crença de que ela tudo pode e tudo vencerá...). Melhor, Galileu conhecia os limites da própria Ciência. Escreve Edoardo Crema: "Descartes, en cartas del 18 de octubre y del 15 de nov. de 1638 al padre Marsenn, reprochaba a Galileo de no explicar por completo su materia, y de no haber tomado en consideración *las causas primeras de la naturaleza, construyendo así sin fundamento*: Y Galileo se negó a buscar esas *causas primeras*, porque, contrariamente a lo que creía Descartes, pensaba que nuestra inteligencia no puede comprender la esencia de las cosas, y puede comprender sólo los fenómenos. La esencia, los principios, las causas primeras, lo que Kant llamaría *la cosa en sí*, podían ser comprendidas, según Galileo, sólo por Dios y los ángeles; y él trató de demostrar cuanto afirmaba, con un razonamiento impecable. El ponía de relieve que las causas primeras y las esencias de las cosas, no podían ser objeto de ciencia o conocimien-